VIVENDO E SENTINDO O SONHO DA CASA PRÓPRIA - PARA MULHERES DO RESIDENCIAL COCAIS II EM TIMON -MA

Tâmara Coimbra -UFPI – tamaracoimbra@hotmail.com

-

Resumo: O presente trabalho estar inserido em uma pesquisa iniciada a nível de mestrado (COIMBRA,2018) e priorizando nesta etapa atual, aprofundar o campo analítico das categorias identificadas através das narrativas das mulheres interlocutoras da pesquisa, em especial anteriormente objetiva compreender como acontece o processo de transição de morar na casa dos outros para o sonho de morar na casa própria para o grupo de mulheres, com idades entre 18 e 70 anos, pertencentes a famílias de baixa renda e que conseguiram realizar o sonho da casa própria indo morar no Residencial Cocais II, na cidade de Timon, no Maranhão; O residencial está inserido no contexto do Programa Minha Casa Minha Vida faixa 1, do Governo Federal, que objetiva facilitar o acesso à casa própria para famílias com renda de até R$1.600,00 (Hum mil e seiscentos reais); A proposta metodológica é uma etnografia, centrado nas trajetórias de vidas narradas no momento de um encontro etnográfico (KOFES,2001), privilegiando o embasamento teórico da antropologia das emoções. Compreendendo que ao narrarem suas trajetórias, as interlocutoras rememoram suas lembranças, suas relações familiares, os valores morais, as emoções sentidas e suas compreensões sobre o programa MCMV, neste contexto a casa dos outros e a casa própria aparecem como categorias analíticas importantes para significar a importância desta casa do residencial para estas mulheres e que neste primeiro momento parecem estar associadas as categorias Casa e a Rua (DAMATA,1997).

Palavras-Chave: Mulheres, Políticas Habitacionais, Trajetórias, Emoções.

A trajetória da pesquisa

A pesquisa de mestrado buscou compreender o significado da casa própria para estas mulheres, sob a perspectiva antropológica, considerando que esta casa não é apenas uma construção física (tijolo, areia e cimento), mas que possui também um valor simbólico e afetivo, construído dentro das "teias de significados" nos termos de Clifford Geertz (2017), moldadas a partir de um contexto cultural específico, compreendendo assim o universo vivido e compartilhado por elas, através de suas subjetividades e visão de mundo.

De certa forma, as mulheres entrevistadas refletem a realidade de um grupo social específico que evidencia sua posição na estratificação social, ou seja, são pessoas pertencentes a famílias de baixa renda, moradoras de bairros populares no município de Timon, que vivenciam uma realidade muito semelhante e que, segundo Durham (1986), a análise destas semelhanças nos remete a um universo cultural específico, que por sua vez só faz sentido se compreendido em sua relação ou ausência dela com os outros grupos sociais, "em situação de superioridade, igualdade, inferioridade, subordinação, em diversos níveis e domínios da vida social- econômico,

político, cultural, ideológico etc." (VELHO, 2013, p.103). Por este caminho, é possível compreender como estas mulheres "ordenam e sistematizam o seu mundo social" (VELHO, 2013, p.103) em relação ao significado de ir morar na sua casa própria. Essa experiência não pode ser compreendida em si mesma, mas a partir de toda uma trajetória de vida, na qual a casa própria torna-se um símbolo de prestígio social atrelado a um projeto de melhoria de vida. Este projeto, por sua vez, não é individual e sim coletivo, visto que a melhoria de qualidade de vida remete a toda família (SARTI,1996), e cuja realização só é possível através de uma política habitacional específica.

As mulheres pesquisadas são moradoras de Timon, com idades entre 25 e 63 anos, pertencentes a famílias com renda de até mil e seiscentos reais e que não possuíam casa própria no período da pesquisa, tendo vivido sempre na "casa dos outros", de aluguel, em casas cedidas ou emprestadas. Além disso, todas estavam prestes a realizar o sonho da casa própria através do Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV). Tal Programa insere-se em uma nova política habitacional brasileira iniciada no ano de 2003, com a criação do Ministério das Cidades, cujo objetivo seria o de facilitar o acesso à moradia para famílias de baixa renda, preconizando, ainda, a diminuição das desigualdades sociais e de gênero no âmbito habitacional, uma vez que prioriza o nome da mulher na titularidade residencial feminina (Cartilha MCMV, 2003).

No período de fevereiro a novembro de 2016 foi realizado o trabalho de campo, onde as entrevistas realizadas foram norteadas por perguntas abertas[1] organizadas em quatro blocos temáticos (apresentação inicial e dados socioeconômicos – juventude e vida adulta – o programa MCMV – receber as chaves e mudar para casa própria) como detalhado no anexo I. As entrevistas foram realizadas em três momentos específicos vividos por elas: na entrega das chaves da casa, antes da mudança para o residencial e, por fim, com as interlocutoras já morando na casa própria. Embora não tenha sido possível realizar entrevistas nos três momentos distintos com todas as oito entrevistadas, todas relembraram e falaram destes momentos durante as entrevistas, sendo estes os norteadores da escrita e da estrutura da dissertação, mas não a "engessam"; Dessa forma, —_uma narrativa complementa a outra e, embora cada uma seja situada no seu contexto biográfico, o que as "costuram" é a experiência comum da

[1] Entrevistas que utilizam perguntas abertas priorizam "resposta livre, não-limitada por alternativas apresentadas, o pesquisado fala ou escreve livremente sobre que lhe é proposto." GOLDENBERG (1986, P.86).

aquisição da casa própria. Na escrita há também a inserção das minhas percepções, observações, indagações e emoções, mostrando assim como fui *afetada* nos termos que se aproximam da reflexão promovida por Favret-Saada (2005).

Partindo do ponto de que o realmente vivido e sentido no percurso de suas trajetórias de vida e de moradias é algo que pertence à elas, o que encontraremos aqui é como estas trajetórias foram narradas por elas uma pesquisadora no momento de um *encontro etnográfico* como diz Hartmann (2009), sendo este situado no tempo e no espaço, onde as narrativas pessoais das entrevistadas se encontram com as narrativas da pesquisadora, havendo trocas mútuas provocadas por este momento, surgindo então um narrativa que é própria deste encontro.

Dito isso, é preciso situar algumas questões. A primeira é que para além do uso do termo entrevista, o momento vivido entre a "pesquisadora" e as interlocutoras aqui é compreendido como um encontro etnográfico como já explicitado acima, inserido no contexto de uma pesquisa antropológica onde a etnografia é compreendida não apenas como um método possível, mas como uma "teoria vivida" de acordo com Mariza Peirano. Desta forma, a autora não define apenas o que seja uma etnografia, mas fala de um (boa) etnografia quando diz:

> A (boa) etnografia de inspiração antropológica não é apenas uma metodologia e/ou prática de pesquisa, mas a própria teoria vivida. Uma referência teórica não apenas informa a pesquisa, mas é o par inseparável da etnografia. É o diálogo íntimo entre ambas, teoria e etnografia, que cria condições indispensável para a renovação e sofisticação da disciplina [...] A etnografia seria a própria teoria em ação, não é apenas um método, mas uma forma de ver e ouvir, uma maneira de interpretar, uma perspectiva analítica, [...]. (2008, p.3-6).

Ainda sobre o que seja uma boa etnografia, a autora pontua três condições centrais, que devem orientar esta prática: "considerar a comunicação no contexto da situação; transformar de maneira feliz para a linguagem escrita o que foi vivo e intenso na pesquisa de campo, transformando esta experiência em texto e, por fim, na possibilidade de detectar, de forma analítica, a eficácia social das ações das pessoas". PEIRANO (1995). A autora ainda chama a atenção para o fato de que só é possível seguirmos estas três condições se ultrapassar~~mos~~ a compreensão do senso comum sobre os usos do papel da linguagem, "já que a etnografia e a teoria se combinam por meio dela, o trabalho de campo se faz pelo diálogo vivo e, depois, a escrita etnográfica pretende comunicar ao leitor (e convencê-lo) de sua experiência e interpretação (desnaturalização da linguagem)". Idem (2008, p.5).

Uma segunda questão é esclarecer que utilizo o termo "trajetória de vida" para identificar o percurso feito e vivenciado pelas entrevistadas até o momento em que começam a morar no residencial. Para Suely Kofes (2001 p. 27) "trajetória é o processo de configuração de uma experiência social singular" então, ao falarem das suas trajetórias, dizem mais do que palavras, "narram" suas histórias de vida, acionadas através de suas memórias e lembranças. Esta trajetória de vida está dentro de um contexto maior, ou seja, dentro das suas biografias, como diz Kofes (2001) e, adaptando o modelo utilizado pela autora na sua pesquisa sobre Consuelo Caiado, seria a experiência de uma pesquisa etnográfica com intenção biográfica.

Sendo estas mulheres "protagonistas" de suas trajetórias aqui narradas, é importante destacar que quando se trabalha com narrativas "não é possível escapar de uma das regras da narração, ou seja, da seleção que os agentes fazem do que é ou não contado – o narrador dirige (através da memória)" (KOFES, 2001, p.126). Assim, é importante considerar que a memória não segue necessariamente uma ordem cronológica e linear dos fatos, pois o tempo da memória é direcionado por outra lógica.

Uma compressão possível, de acordo com Maurice Halbwachs (1990), é que esta lógica seria "direcionada" pelas lembranças que, por sua vez, seriam movidas por uma memória coletiva, e não individual, pois para o autor mesmo uma memória dita individual é norteada pelos valores do grupo social na qual se insere, refletindo suas referências socioculturais, sendo, portanto, coletiva. Em suas palavras:

> No mais, se a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter por suporte um conjunto de homens, não obstante eles são indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo. Dessa massa de lembranças comuns, e que se apoiam uma sobre a outra, não são as mesmas que aparecerão com mais intensidade para cada um deles. Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios. Não é de admirar que, do instrumento comum, nem todos aproveitam do mesmo modo. Todavia quando tentamos explicar essa diversidade, voltamos sempre a uma combinação de influências que são, todas, de natureza social. (HALBWACHS, 1990, p.51).

A terceira questão é esclarecer que o viés analítico privilegiado para compreender as trajetórias "narradas" pelas entrevistadas e o significado da casa própria será o de uma antropologia que considera que não é possível perceber a totalidade das relações sociais, se

não problematizarmos também as emoções inseridas nestas relações. Nesse sentido, parto do princípio de que as experiências emocionais singulares, sentidas e vividas por um ator social específico, são produtos relacionados aos indivíduos, à cultura e à sociedade. (KOURY, 2009)

Segundo Rezende e Coelho (2010), fazer uma antropologia das emoções, é justamente colocar em xeque estas questões, entendendo que estas são representações situadas dentro de uma cultura específica. Dessa forma, amor, medo, raiva, angústia, lágrimas, choro, soluços, dor, são manifestações de emoções, formadas por um conjunto de aparatos psíquico, biológico e social do ser humano e representadas através de manifestações corporais. Porém a percepção de cada pessoa, a forma de manifestá-las e senti-las é muito variada, de sociedade em sociedade, e determinada através da cultura e do contexto histórico social que as define, sendo a linguagem o elemento cultural que funciona como um mediador dentre estas diversas possibilidades. Rezende e Coelho (2010).

É neste sentido que as antropólogas Lila, Abu-Lughod e Catherine Lutz, fizeram um mapeamento das principais abordagens teóricas da emoção como objeto de pesquisa, *o essencialismo*[2], o *historicismo*[3], *o relativismo*[4] e elegeram a abordagem *contextualista*, que é baseado na noção foucaltiana do discurso para propor uma análise micropolítica das emoções, onde as emoções estão inseridas em um contexto moral. LUTZ (2012).

Assim o fio condutor da pesquisa foi buscar compreender as narrativas das mulheres sobre o significado da casa própria, inserido em um projeto de melhoria de vida, situado em narrativas biografias a partir de um contexto familiar específico, onde a casa própria representa a "realização de um sonho" que embora pareça ser uma conquista individual, é coletiva, de toda da família.

Aqui me deterei as narrativas apresentadas no capítulo três intitulado ***O sonho da Casa Própria: Um lugar para chamar de meu*** que busca compreender o significado da casa própria inserido em projeto de melhoria de vida Neste ponto, procuro compreender o significado dessa conquista dentro de certo universo moral, assim como as emoções vivenciadas. Ao narrarem este momento elas afirmam: "Agora não serei mais humilhada!". Nessa parte também será

[2] A emoção teria um substrato universal e natural;
[3] Historicismo das emoções situadas no tempo e no espaço;
[4] "construção cultural das emoções, se valeria da comparação cultural contemporânea entre si. Para uma análise aprofundada destas abordagens, ver o texto The Antropology of Emotion, LUTZ,Catherine e WHITE,M.Geoffey (1986).

analisada algumas problemáticas e limitações em torno do Projeto MCMV e de como esses elementos acabam interferindo na maneira como as minhas interlocutoras chegam à compreensão de que "O sonho não é perfeito".

Um lugar para chamar de meu

O objetivo neste capítulo é compreender o significado da realização do sonho da casa própria para o grupo de mulheres que fizeram parte dessa pesquisa. Veremos aqui como, realizar essa conquista específica marca um novo momento de vida. Além disso, fica evidente como desde o momento em que foram sorteadas há uma idealização da vida nova, dando margens para outros projetos e sonhos, agora possíveis de serem realizados em função da aquisição da casa própria. Há uma valorização também no morar na casa própria, quando comparada à experiência de morar na casa dos outros, seja na condição de casas cedidas, emprestadas ou alugadas, evidenciando emoções de *humilhação, vergonha e insegurança* associadas à experiência de morar no que não é seu e a *valorização de respeito, reconhecimento e segurança* quando se tem uma casa para de chamar de sua, nas narrativas das interlocutoras fica evidenciado que quando se mora de aluguel a principal prioridade é trabalhar para ter como pagar o aluguel na data do vencimento, nesse sentido o aluguel "como igual com agente" como fala Maria, ou seja a cada 30 dias vence o aluguel e começa tudo de novo, então a prioridade é trabalhar para manter esta situação ou então quando se mora na casa dos outros, o objetivo principal é sair desta situação, e voltar a ter sua "liberdade" como argumentou Tatiana. Assim projetos pessoais como voltar a estudar por exemplo, que era o objetivo de Ritinha, parecia muito distante da realidade delas, mais após ser sorteada e saber desta possível estabilidade de ir morar no que é seu, elas começam a projetar e a idealizar um novo projeto de vida, Ritinha voltou logo a estudar, como ela me relatou:

> eu comecei a estudar, mas eu tinha parado devido aos meus filhos eu tinha parado de estudar, aí esse ano (2016, ano que foi sorteada no MCMV) eu queria mudar tudo na minha vida, voltei a estudar, tô estudando, tô fazendo ensino médio, tô tentando seguir a rotina, de dia trabalhando e de noite indo pra escola, cansada mas...

Por outro lado, aquilo que havia sido idealizado como o sonho perfeito passa a ser problematizado pelas mulheres, sob diversos aspectos como: a qualidade do material usado nas construções, a localização do residencial situada num bairro periférico da cidade, dentre outras. A questão da localização acaba ganhando destaque em função do Residencial localizar-se ao do lado de um centro de ressocialização, conhecido como "presídio", visto pelas beneficiárias e seus familiares como algo negativo; A conquista da casa

própria é percebida também pelas interlocutoras como um projeto de vida nova, ou seja, uma melhoria de vida, dentro de um *campo de possibilidades* possíveis nos termos de Velho (2003) para elas e para sua família, sendo portando um projeto coletivo como aponta Sarti (1996).

O sentimento de morar na casa dos outros

Este tópico evidencia com mais clareza as emoções e os sentido em relação ao que as interlocutoras chamam de "morar na casa dos outros", seja essa casa de parentes, emprestadas, cedidas ou alugadas, experiências essas compartilhadas por todas as mulheres entrevistadas. Roberto Damatta, argumenta que para a sociedade brasileira há três espaços que atualizam a própria vida social dos brasileiros, sendo eles a casa, a rua e o outro mundo (1997), os espaços da casa e da rua só existem de forma relacional e nunca de forma isolada. Assim a vida social do brasileiro, seria demarcada claramente segundo o autor pelo mundo da casa e o mundo da rua, não se trata de um lugar físico, mais sim de um lugar moral e social (1986). " A casa é nosso mundo à parte" (1986,p.29), onde ele diz: "A casa enquanto espaço moral é importante e diferenciada, a casa se exprime numa rede complexa e fascinante de símbolos, que são parte da cosmologia brasileira" (1986,p.26), em casa você pode ser um "supercidadão" realizando suas vontades e desejos, tendo um lugar para chamar de seu. A análise do autor pode parecer um pouco idealizada, pois sabemos que a casa pode ser também um lugar de violência, onde seus direitos, vontades e desejos não são respeitados; Nas narrativas as interlocutoras mencionam situações que evidenciam também algum tipo de "violência moral", e sendo "fruto" dessas situações sentimentos específicos; O objetivo central aqui é compreender como é narrado o sentimento de "morar na casa dos outros", que chega a ser uma contradição, com a argumentação de Damatta, como é sua casa, sendo dos outros? Ao falarem sobre estas suas vivências, as interlocutoras da pesquisa falaram de um "espaço" e um "tempo" da memória, que não é individual e sim coletiva, Maurice Halbwachs (1990) é que esta lógica seria "direcionada" pelas lembranças que, por sua vez, seriam movidas por uma memória coletiva, e não individual, pois para o autor mesmo uma memória dita individual é norteada pelos valores do grupo social na qual se insere, refletindo suas referências socioculturais, sendo, portanto, coletiva. Para o autor mesmo uma memória dita individual é norteada pelos valores do grupo social na qual se insere, refletindo suas referências socioculturais, sendo, portanto, coletiva. Halbwachs (1990) é através das narrativas apresentadas que

podemos compreender como foi rememorada esta trajetória vivida e sentida por elas.

Um novo projeto de vida - Morar na casa própria

A frase epígrafe deste capítulo foi a definição de Maria, quando pedi para ela me descrever a emoção sentida ao entrar pela primeira vez na sua casa no residencial Cocais II, ela me disse que era muito difícil falar do que sentiu, e sorriu e depois me disse esta frase. Ela compara a emoção desse momento com a alegria que sentiu com a maternidade, em especial quando se tornou mãe pela primeira vez, papel este que lhe foi culturalmente atribuído como natural enquanto mulher e esposa, ser mãe ou torna-se mãe lhe coloca em outro status social; A maternidade não deve ser compreendida apenas como um atributo biológico como reforça Lucila Scavone, (1985) mais também como um "dado sociológico e antropológico para se compreender os múltiplos aspectos em que se implica ser mãe" (1995, p.37), tornar-se mãe no contexto de famílias pobres, concretiza também o projeto de família, onde nesta realidade o papel atribuído a mulher é o de ser mãe e dona de casa, Sarti também argumenta que neste universo

> à autoridade feminina vincula-se à valorização da mãe, num universo simbólico onde a maternidade faz da mulher, mulher, tornando-a reconhecida como tal, senão ela será uma potencialidade, algo que não se completou (SARTI,195,Op.Cit. SARTI 2000)

Assim Maria, ao associar o momento em que entra na sua casa pela primeira vez a alegria de ser mãe, evidencia que ela está vivenciando uma experiência nova, está novamente se reconhecendo enquanto mulher, agora empoderada e dona da sua casa, a conquista dessa casa, é a conquista de sua autonomia, e a liberdade de morar em algo que é seu. Ela diz: "aqui minha filha, essa moradia aqui foi a melhor coisa que me aconteceu, foi a melhor coisa do mundo". Ao analisamos a sua trajetória de vida compartilhada durante a realização desta pesquisa, é possível compreendermos como estava o "mundo" de Maria e que a casa própria estava associada nele como um projeto de *melhoria de vida* como definido por Sarti (1996), Maria, que ficou viúva, não trabalhava fora e morava de aluguel, quando o marido não estar mais aqui ela fica totalmente vulnerável, e sem poder manter a casa e o aluguel, muda-se com seu filho mais novo morar na casa da filha mais velha que já era casada onde morava ela, o esposo e seu filho pequeno. O filho de Maria arruma seu primeiro emprego como soldador na empresa Sucesso em Teresina, é um emprego com carteira assinada e com isso ele passa a manter as despesas da mãe e da casa junto com sua irmã e nesta realidade Maria

volta a trabalhar enquanto diarista; Assim dentro do seu *campo de possibilidades,* nos temos de Gilberto Velho seu projeto principal nestas condições é voltar a morar na sua casa.

Uma das contribuições analíticas do autor que contribuíram significativamente para se pensar as emoções na antropologia, é através do uso da sua concepção de *indivíduo, individualismo e projeto*[5];Dentro da realidade brasileira hierarquizante estudada por ele (classes médias urbanas),a proposta de estudar o indivíduo, enquanto sujeito ou seja dentro de universos simbólicos e representações, variáveis de acordo com sua classe e categoria social. Neste sentido projeto é pensando como "a noção de que os indivíduos escolhem ou podem escolher entre sua individualização e desindividualizaçao (desvio ou divergência)", (VELHO, 2013). As possibilidades de projetos individuais vinculados a contexto socioculturais específicos e lida com a ambiguidade fragmentação versus totalização. Quando? Como? E onde? São legítimos os projetos individuais?

> Assim entendendo que projeto*(s)*. são elaborados e construídos em função da experiências sócio-culturais, de um código, de vivências e interações interpretadas [...] de qualquer forma, o projeto não é um fenômeno puramente interno, subjetivo. Formula-se e é elaborado dentro de um campo de possibilidades, circunscrito histórica e culturalmente, tanto na própria noção de indivíduo como dos temas, prioridades e paradigmas existentes. (VELHO, 2004, p.26 e 27).

Os projetos refletem a junção da uma vontade/ação individual, mas que também é coletiva, pois representa um código ético moral, que varia de acordo com a *classe social, visão de mundo, ethos e estilo de vida* do sujeito/indivíduo. Na pesquisa realizada por Sarti com as famílias de pobres urbanos, ela afirma que as sociedades modernas são regidas pelo princípio da igualde e com base na desigualdade econômica, e argumenta que estas famílias não vivem " esta dimensão individualiza da identidade social" (1996;2000) e que isso não acontece pois "este universo, não é regido por recursos simbólicos para a formulação de projetos individuais, que pressupõe condições sociais específicas de educação, de valores sociais, alheios a seu universo de referências culturais" onde o que predomina é a "tradição, a lógica de reciprocidade do tipo tradicional, onde o que conta é a solidariedade dos laços de parentesco e vizinhança com os quais viabilizam a sua existência" (Sarti,2000,p.47), assim os projetos no contexto destas famílias são formulados a parti da tradição, "onde o todo predomina diante das partes, não fazendo parte assim da emancipação moderna do individuo e

[5] Esta temática é abordada pelo autor em uma análise mais aprofundada sobre o processo de indivualização e desindividualização do sujeito moderno, através de um contexto cultural específico, o autor aprofunda sua análise com base nos estudos de Louis Dumont e Alfred Shutz.

do seu desenvolvimento individual". (Sarti,2000,p.47).

De acordo com as narrativas das interlocutoras, elas sempre almejaram a conquista da casa própria, e, com base, nisso, é possível dizer que este era um projeto de vida para todas elas, pois a conquista desta "casa", além de um teto e um endereço fixo, significa também a conquista de um espaço social, um símbolo de mudança de vida. Embora a realização deste projeto tenha vindo através do acesso a uma política habitacional, isso não tira o mérito destas mulheres, pois elas "conquistaram" este direito, se esforçaram para se inscrever, lutaram durante todo o processo (inscrição, seleção e sorteio). Neste sentido o próprio ato de ser sorteado entre o universo dos escritos no programa já significaria um *status* social importante para este grupo, pois ao ser sorteada, se todos os documentos forem aprovados pela CAIXA elas terão o direito, garantido pelo sorteio e os critérios estabelecidos de "ganharem" esta casa.

O que reforça a importância da conquista da casa própria para estas mulheres, é quando associada ao momento vivido por elas em que é evidente sua vulnerabilidade social e que ao serem sorteadas surge uma " luz no fim do túnel", uma resolução para seus problemas.

Narrativas de Violeta e Maria

Violeta

A experiência de morar em casas dos outros foi marcante, a sua primeira experiência foi quando saiu de casa e foi morar na casa da sua sogra, iniciado assim sua vida de esposa, na sua narrativa é evidentes dois momentos nesta vivência com a sogra o primeiro, marcado por um sentimento de não pertencimento aquela família, onde se sentia obrigada a fazer as coisas como se fosse a empregada e nesta situação ela sentia muitas saudades de casa e o segundo momento quando é construída uma amizade com ela e há uma identificação e pertencimento aquela família, fase em que seu casamento esta em "crise" pois seu marido não atende as expectativas que ela tem sobre ele. Em sua trajetória de vida até o sorteio da casa do residencial, ela morou em aproximadamente oitos casas, e em três cidades. E estas casas em que não eram suas é marcado pelo sentimento de "obrigação", como ela evidenciou neste trecho sobre o sentimento Quando ela foi viver na casa da sogra tinha quatorze anos no início do casamento ela se sente como uma pessoa de fora, que não era da família. Ela também se sentia obrigada a trabalhar na casa, como conta:

> Aí quando eu saí daqui (ela estava morando na casa da avó no período em fiz a entrevista) da casa de minha avó, que eu fui morar com ele,

> aí pra mim foi diferente porque na casa da minha avó eu não era obrigada a fazer nada. Depois eu **fui obrigada a fazer tudo porque ninguém queria mais fazer nada, ou seja, eu era a empregada** da casa.

O sentimento de não ter liberdade e de obrigação, apareceu nas narrativas de Tatiana e Violeta, quando narraram experiências de morar em casas que não eram suas; É um sentimento oposto ao que devemos sentir ao estar e morar em casa, como argumento anteriormente por Roberto Damtta (–1997). Então para estas interlocutoras morar na casa da irmã e da sogra, nestas fases rememoradas era reforçar que estes espaços não eram seus, e sentimento de não existir ou ser aceita alí fica evidente. Se a casa não é minha, não sou da casa, se sou de fora não tenho liberdade e sou obrigada a fazer coisas que eu não faria na minha casa, é através desta dualidade, *casa dos outros e minha casa*, que a casa própria é idealizada, como um lugar seu e onde elas poderão ser e fazer o que elas querem.

Para ela a conquista da casa própria veio em um momento decisivo da sua vida, onde ela não teria a onde ir morar, como a situação narrada por Dona Rosa, a qualquer momento ela poderia ser "posta para fora de casa" e a incerteza desta situação e impotência para mudar esta realidade, faz com que esta conquista seja muito significativa

> Ahhh! tudo de bom. Foi a melhor coisa que aconteceu, de uns anos pra cá.(...) a casa pra mim foi a melhor coisa que aconteceu, desses cinco ano pra cá, foi a minha casa, mudou muito, muito, muito, porque agora, agora mesmo, no momento se eu não tivesse essa casa eu tava numa situação muito complicada. Porque aqui não é meu, é da minha avó, e ela faleceu e querendo ou não ela tem herdeiros, tem filho, tem netos e ai pra onde eu ia? Eu tava aqui porque eu tava cuidando dela, mas assim, aqui é muito difícil a convivência, por que eu tenho um tio alcoólatra (...) e ele vive aqui, e querendo ou não a casa é dele por que ele é herdeiro, e aí ninguém pode jogar na rua, né! (...) então, assim, eu ter ganhado essa casa pra mim foi muito importante, principalmente desse jeito aí, né. Por que lá na minha casa eu não sou obrigada levar ele, não sou obrigada ter que tolerar né, vai ficar só eu e a minha filha né.

Na casa nova vai morar ela, a filha que está grávida e uma netinha de dois anos. A renda de sua família é baseada no *bico* que ela arrumou de garçonete aos finais de semana e a ajuda do seu ex-marido ajuda também, mais como ele trabalha pela prefeitura não tem data certa.

Maria

Até chegar na sua casa própria morou em muitas casas, casas estas que não eram suas. Na infância morou na casa das pessoas que cuidavam dela, sobre estas casas, ela disse que eram casas "normais", ela chama de casa normal, casa de tijolo, rebocada, com piso e com banheiro, sendo que em algumas o banheiro era dentro de casa e em outras não, mais onde ela não tinha um espaço para chamar de seu, como ela afirma neste trecho:

Você tinha um quarto pra você?
Maria: não, eu sempre dormia acompanhada.
mas tinha cama?

Maria: tinha, as vezes também tinha rede, mas eu dormia mais era na cama, por que eu tinha problema na coluna.
o quarto era geralmente da pessoa que cuidava de você?
Maria: era, aí quando eu fui ficando adolescente já fui morar na casa da pessoa, pra mim, dizendo eu que estava trabalhando na casa da pessoa, entendeu? Olhando um bebê, essas coisas assim, risos.

No espaço da casa, entre quarto, sala, cozinha, banheiro, o quarto é entendido como nosso "canto" particular da casa, "o quarto é o nosso lugar dentro de casa, é esta a conclusão que" Damatta (1997) chega quando analisa a casa e seus espaços nas camadas de classe média no rio. Na realidade vivida por Maria ela relata que não teve um espaço só seu e sim coletivo, quando morava na casa das pessoas que cuidava dela, talvez por ter vivido esta fase durante a infância e adoles~~cen~~cência, tenha sido comum dividir este espaço, mais em sua fala não é problematizado esta questão, ela não fala se neste período sentia vontade de ter um espaço só seu ou não.

Quando casou a primeira casa em que morou foi na casa dos sogros em Timon, "foi uma coisa mal feita que fiz", é o que ela diz, para me afirmar que a casa deles era pior do que a casa da tia (casa que ela morava antes de casar), ela diz: "eles tavam começando a construir, tavam terminando de construir, por que eles fecharam logo um quarto, fizeram logo um cômodo e o resto deixaram pra construir depois. Iam construindo aos poucos.", essa casa era feita de tijolo comum, não tinha piso, era só o barro batido, era de telha e o banheiro não tinha sido construído ainda, "o banheiro era fora ainda, era o antigo banheiro da casa de taipa. (...) era só um banheiro arrodeado de tijolos, e era aberto em cima, não tinha nada em cima, nem palha nem nada". Ela morou aproximadamente 3 anos nesta casa, tempo em nasceu duas dos seus três filhos, depois que saiu da casa da sogra, começou o "aluguel na sua vida", como ela diz, ainda no primeiro casamento ela mudava muito de casa, não passava mais do que um ano em cada casa alugada, quando eu perguntei porque ela mudava tanto, ela disse:

> porque a pessoa (o marido) não se importava, não trabalhava, como era que ia pagar o aluguel? Tinha que mudar pra outra casa, as pessoas pediam suas casas, e ele tinha que se virar pra arranjar dinheiro, pra alugar outra casa, ou então a gente ia morar em casa emprestada.

Já depois da separação do primeiro marido, mesmo quando ela já conseguia manter o pagamento dos aluguéis, também não conseguia passar muito tempo morando na mesma casa

> Passava acho que um ano. Um ano e dois meses, porque em casa de aluguel eles não deixam morar dois anos, três anos, quatro ou cinco anos, mesmo você pagando direitinho (...) porque eles pensam que a gente vai se apossar da casa. Porque dizem que quando a gente tem mais de 7 anos numa casa a gente tem direito não sei de que, na casa alheia. Aí eles pedem quando tá com um ano e pouco. Pedem dizendo que precisa fazer reforma, inventa alguma coisa, por isso que a gente vive

> pulando de gai em gai, por que eles não deixam passar mais que esse tempo.

O morar de aluguel para Maria, foi vivido de duas formas, a primeira quando o marido não se "interessa em pagar" o aluguel e por isso não conseguem manter o pagamento e mudam constantemente de endereço por conta disso, depois quando ela mesma é a responsável e consegue pagar o aluguel das casas em dias, os proprietários com o passar dos anos, inventam um motivo e sempre pedem a casa, há um **sentimento de incerteza**, **insegurança,** nas duas situações, e a **angústia** de morar no que não é seu, e que a **pressão** de ter aquele dinheiro no dia em que vence o aluguel, embora pagar o aluguel em dias não seja garantia de continuar morando naquele imóvel por muito tempo e a situação de mudanças constantes na vida de quem mora de aluguel, vira uma rotina. Depois já morando com seu segundo companheiro, Maria passa a morar de aluguel na casa da irmã dele, sobre esta casa ela diz:

> do mesmo jeito (...) casinha pequena, de um quarto, a gente improvisou o outro quarto lá, uma cozinha, a cozinha era só um bequinho assim, era uma pequena casinha, só uma bandinha de casa. Tinha banheiro, tinha banheiro fora, tinha vaso e tudo. O aluguel era 70 reais.

Na casa da cunhada ela morou dois anos, depois começou a migrar para outras casas, mais sempre permanecendo no mesmo bairro, Parque Alvorada:

> De aluguel de novo, e não tinha piso, não era rebocada, mas tinha banheiro dentro de casa, e área de lavar roupa e lá as coisas foram ficando mais moderna.

Nesta passagem da narrativa de Maria, ela faz um comparativo com as outras casas em que já morou e esta casa atual, onde ela diz que ter banheiro dentro de casa e lavandeira é a modernidade chegando para ela, sendo este um sinal de conforto e de que as coisas estão melhorando.

Descobrindo que o sonho não é perfeito

Para as mulheres entrevistadas no decorrer da pesquisa sempre ficou claro para elas que o sonho da casa própria só foi realizado pelo acesso a uma política pública habitacional, aqui especificamente o PMCMV, como abordamos no primeiro capítulo. Outra questão latente em suas narrativas, é que na condição de mulheres pobres elas *nunca* teriam condições de ter uma casa senão fosse através do programa, porém isto não significa que não tenha sido problematizado por elas e seus familiares a localização destas casas, sua qualidade construtiva e todo o processo da inscrição à seleção do programa, e que mostra também que elas sabem que muitos dos problemas acontecem porque esta casa é direcionada para pessoas como elas, pessoas "pobres", como elas se identificam em algumas narrativas; o que evidencia que embora reconheçam como é importante em suas vidas o acesso a esta política habitacional,

não passa despercebido que este residencial é feito para pessoas de uma classe social menos desfavorecidas, e esta fala contradiz o que é proposto a política do MCMV, que é justamente oferecer uma moradia para a população mais desfavorecida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DAMATTA, Roberto. **O ofício do etnólogo ou como ter *anthropological blues*,** In: A aventura Sociológica. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

_____. A casa e a Rua: espaço, cidadania, mulher e a morte no Brasil. 5 ed.-Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____.**Carnavais, Malandros e Heróis** – Para uma sociologia do dilema brasileiro. 6º ed. – Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____.**O que faz o brasil, Brasil?** – Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

GEERTZ, Clifford. **"Ethos",Visão do Mundo e a Análise de Símbolos Sagrados**. (p.93-106) In: A interpretação das Culturas. - 1º.ed. – [Reimpr.]. – Rio de Janeiro: LTC, 2017.

_____. **Uma Descrição Densa:** Por uma Teoria Interpretativa da Cultura, (p. 3-24) In: A interpretação das Culturas. - 1º.ed. – [Reimpr.]. – Rio de Janeiro:LTC,2017;

HALBWACHS, M. **Memória Coletiva e memória individual**, pg 25-52. in: A Memória Coletiva. Vértice Editora: São Paulo, 1990.

HARTMANN, Luciana. **Tomazito, eu e as narrativas:** "Porque estoy hablando de mi vida" (p.179-206) In: Etnobiografia: subjetivação e etnografia/ Marco Antônio, Roberto Marques, Vânia Z.Cardoso (Orgs.). Rio de Janeiro:7 Lestras, 2012.

HOSCHSCHILD, Arlie. **The Presentation of Emotion**. Disponível em: <http://atgstg01.pineforge.com/upm-data/13293_Chapter4_Web_Byte_Arlie_Russell_Hochschild.pdf>

KOFES, Suely. **Uma trajetória em narrativas.** Campinas: Mercado de Letras, 2001.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiros. **Emoções, sociedade e cultura:** a categoria emoções como objeto de investigação na sociologia. Curitiba: Editora CRV, 2009.

_____. **Estilo de vida e individualidade:** escritos em antropologia e sociologia das emoções. Curitiba: Appris, 2014.

_____. **Quebra de confiança & conflito entre iguais:** cultura emotiva e moralidade em um bairro popular. – Recife: Bagaço. João Pessoa: GREM,2016.

LE BRETON, David. **As paixões ordinárias: antropologia das emoções.** Tradução de Luís Alberto Salton Peretti. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

_____.**Antropologia da dor.** Tradução Iraci D. Poleti. São Paulo: Fap – Unifesp, 2013.

LINDNER, Evelyn Gerda. **Humiliation and dignity:** regional conflicts in the global village. p. 146-171; Revista Brasileira de Sociologia da Emoção - RBSE Volume 4· Número 11 · Acesso Ago/2015.

LUTZ, Catherine; WHITE, Geoffrey M.; **The Anthropology of Emotions**. Revista eletrônica, Annual Review of Anthropology, Vol. 15 (1986), pp. 405-436; disponível em <http://www.jstor.org/stable/2155767; acessado em 06/11/2017>.

LUTZ, Catherine. **Entrevista Antropologia com Emoção**. MANA – p.213-224 – nº. 18, ano 2012.

PEIRANO, Mariza. **Etnografia, ou a teoria vivida**. Ponto Urbe [Online Revista Ponto Urbe, [Online], ano 1, n. 2. Universidade de São Paulo. 2008. Disponível em <http://journals.openedition.org/pontourbe/1890; DOI : 10.4000/pontourbe.1890>